

ANÁLISE DA CANÇÃO *LAS MARIAS* À LUZ DAS TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

AN ANALYSIS OF THE SONG *LAS MARIAS* IN THE LIGHT OF TEXT AND DISCOURSE THEORIES

Myriam Lucía Chanci Arango¹

Resumo: *A partir da categoria texto, o propósito do presente trabalho é, por um lado, refletir sobre algumas noções básicas da Linguística Textual, da Teoria da Enunciação e da Análise do Discurso de linha francesa e, por outro, aplicá-las na análise de Las marías (The marias), canção em língua espanhola da artista estadunidense, de ascendência mexicana, Leticia (“Tish”) Hinojosa. Ao ponderar sobre as propriedades textuais nesses quadros teóricos e analisar tal texto-canção levando em conta as especificidades e os limites dos três enfoques, pretende-se ilustrar o trabalho que pode ser feito sobre um mesmo texto. Essa ilustração, tal como posta aqui, pode servir como ferramenta didático-pedagógica, beneficiando não apenas formandos nos estudos do texto e do discurso, como também o trabalho dos professores, tanto de língua materna quanto estrangeira, nas práticas de leitura em sala de aula.*

Palavras-chave: *Texto; Teorias do Texto e do Discurso; Canção.*

Abstract: *Taking into account text as a category, the present work aims at reflecting on some basic notions of Text Linguistics, Enunciation Theory and the French Discourse Analysis approach as well as applying those notions on the analysis of Las marías (The marias), a Spanish song from the Mexican American artist, Leticia (“Tish”) Hinojosa. As it ponders the text properties on these theoretical perspectives, and it analyses this songtext considering the specificities and limitations of these approaches, the present article intendeds to illustrate the possibilities of only one work over a single text. Therefore, the present analyses can be helpful as a pedagogical tool, in being used by mother and foreign language teachers and students as part of their reading practices.*

Keywords: *Text; Text and Discourse Theories; Song.*

Por haber sucumbido / a la oscura tentación / de nacer, / [...] / estás aquí, / pisando esta tierra que siempre / te será infiel, / habitando su noche / sin párpados, / con tu desnudez balbuciente, / la misma desnudez / que sostiene el día / cuando se entrega / sin más / descubriendo el miedo ágrafo / de tener un rostro. (SALAS HERNÁNDEZ, 2013)

1 Introdução

Se levarmos em conta a história da Linguística como ciência, a partir do século XX, vemos tal proliferação de escolas e de autores, que tentar fazer uma taxonomia que permita vislumbrar os caminhos percorridos pelos estudos da linguagem seria uma tarefa titânica. No

¹ Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, Brasil. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Brasil, e-mail: myriamchanci@furg.br

entanto, parece haver certo consenso ao considerar-se o estruturalismo, o gerativismo e os estudos do texto e do discurso como uma tríade importante onde se pode aglutinar uma boa parte da produção dos linguistas.

Até a década de sessenta, a análise da linguagem feita pelas diversas correntes teóricas não ultrapassou o nível da frase, apesar de ter havido vozes isoladas que clamaram por um nível de análise mais amplo. É somente a partir dessa década que se suscita um grande interesse pela categoria *texto* nos estudos linguísticos, fazendo com que surgissem distintos enfoques teóricos que se ocuparam dele. É assim que dentre essas concepções teóricas destacam-se a *Linguística Textual*, a *Teoria da Enunciação* e a *Análise do Discurso*, que, ao conceberem o texto de diferentes maneiras, focam a sua análise também de diversas formas.

Partindo da categoria *texto*, o propósito do presente trabalho é, por um lado, apresentar algumas noções básicas das três perspectivas teóricas supracitadas e, por outro, aplicá-las na análise da canção *Las marías (The marías)* de Tish Hinojosa. Ao ponderar sobre as propriedades textuais nesses quadros teóricos e analisar tal texto-canção levando em conta as especificidades e os limites dos três enfoques, pretende-se ilustrar o trabalho que pode ser feito sobre um mesmo texto. Essa ilustração, tal como posta aqui, pode servir como ferramenta didático-pedagógica, beneficiando não apenas formandos nos estudos do texto e do discurso, como também o trabalho dos professores, tanto de língua materna quanto estrangeira, nas práticas de leitura em sala de aula.

O artigo está organizado em três seções, a saber: *Las marías* sob a ótica da Linguística Textual, *Las marías* do ponto de vista da Teoria da Enunciação e *Las marías* pelo viés da Análise do Discurso. Em cada parte, por sua vez, apresenta-se o respectivo suporte teórico e sua correspondente aplicação na análise de *Las marías (The marías)*, texto-canção em língua espanhola da artista estadunidense, de ascendência mexicana, Leticia (“Tish”) Hinojosa.

2 *Las marías* sob a ótica da Linguística Textual

O termo “Linguística de Texto” foi utilizado pela primeira vez pelo autor alemão Harald Weinrich na década de sessenta, na Europa, que postulava que toda a Linguística é necessariamente Linguística de Texto (BENTES, 2003, p. 245). Embora na constituição do campo da Linguística Textual não se possa falar de um desenvolvimento homogêneo, *grosso modo*, é possível diferenciar três momentos.

Os precursores dos estudos do texto na abordagem da Linguística Textual tinham como propósito compreender os fenômenos linguísticos que vão além dos limites da frase,

mas sem pretenderem se afastar dos estudos frasais nem estabelecerem um novo objeto de estudo. Prova disto é que entendiam o texto como uma sequência coerente de frases, ou seja, consideravam-no como uma extensão da frase (INDURSKY, 2010, p. 45). Assim, para compreender a significação de um texto, é necessário analisar as relações internas que se estabelecem no seu interior, onde todos os elementos textuais se relacionam entre si, da mesma forma como se relacionam entre si os elementos constitutivos da frase. Devido a isso, esta etapa é conhecida como *análise transfrástica*, onde se estudavam fenômenos como a pronominalização, a seleção do artigo (definido/indefinido), a ordem das palavras, a concordância dos tempos verbais e diversos fenômenos de ordem prosódica, entre outros.

Em um segundo momento, passou-se de uma sintaxe frasal para uma sintaxe textual. Diante das dificuldades para entender fenômenos linguísticos que transcendiam o nível frasal, chegou-se ao texto como tal, surgindo assim a denominada *gramática de texto*. Esta teria como tarefas básicas, em primeiro lugar, estabelecer os princípios de constituição de um texto, os fatores responsáveis pela sua coerência e as condições em que se manifesta a textualidade; em segundo lugar, levantar critérios para a delimitação de textos, visto que a completude é uma de suas características essenciais; e, por último, diferenciar as várias espécies de textos (KOCH, 2009b, p. 5). Nesta fase, os linguistas textuais buscaram a compreensão do sentido do texto, pretendendo dar conta dele em sua totalidade.

Ainda na fase da *gramática de texto*, passou-se a postular a existência de uma *competência textual* à semelhança da competência linguística chomskyana. Deste modo, os linguistas textuais afirmavam que qualquer falante seria capaz de parafrasear um texto ou de resumi-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou de produzir um texto a partir de um título dado (KOCH, 2009b, p. 6). É assim que, neste momento, surge pela primeira vez na Linguística Textual, ainda que não explicitamente, a noção de um *sujeito ideal*, mas que em nada interferiria nos seus pressupostos, pelo mesmo fato de ser imaginário e não o sujeito real que produz o texto.

Em uma terceira etapa, os estudiosos da Linguística Textual percebem a necessidade de ultrapassar a análise sintático-semântica do texto e começam a vê-lo como uma unidade básica de comunicação/interação humana. Em outras palavras, os pesquisadores já não só se interessam por examinar as relações internas do texto, mas também outras relações que vão além dos limites do texto propriamente dito, adotando assim uma perspectiva pragmática. Nessa vertente da Linguística Textual, o texto é considerado como uma unidade pragmático-

comunicativa em que o sentido já está dado e corresponde ao leitor decodificá-lo. Ou seja, a língua é vista como um código, transparente e sem opacidades.

Continuando nessa linha, Beaugrande e Dressler (1981, p. 1-13) afirmam que para que o texto seja uma “ocorrência comunicacional”, ele deve satisfazer a sete critérios, dois deles (coesão e coerência) “centrados no texto” e cinco (intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade) “centrados no usuário”. Embora os autores apresentem estes sete critérios como interdependentes, não há dúvida em que existe uma diferença qualitativa muito marcante entre eles, estabelecendo-se certa hierarquia. Assim, enquanto os dois primeiros critérios, de natureza semântico-formal, vão dar conta da textualidade, da trama do texto e do sentido que essa trama projeta, os outros cinco fatores, que são externos, remetem às qualidades pragmáticas do texto, mas não são essenciais nem constitutivos dele (INDURSKY, 2010, p. 50).

Por consequência, para os fins deste trabalho, só nos interessam os dois primeiros critérios, e mais especificamente a coesão como fator essencial para refletir sobre o texto neste campo de conhecimento, visto que são os mecanismos linguísticos da coesão os que vão tecendo o texto, em suas tomadas e retomadas e em sua progressão. Embora a coerência e a coesão sejam duas faces do mesmo fenômeno, convém distingui-las para nossa análise. A respeito da coerência, basta-nos dizer que “é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto” (KOCH; TRAVAGLIA, 2009, p. 21). Por sua vez, a coesão textual “diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 2009a, p. 18).

A partir da função dos mecanismos coesivos na construção da textualidade, Koch (2009a, p. 27) considera duas grandes modalidades de coesão: a coesão remissiva ou referencial e a coesão sequencial. A coesão referencial é “aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual” (KOCH, 2009a, p. 31). A coesão sequencial “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto [...], diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir” (KOCH, 2009a, p. 53; KOCH, 2009b, p. 39).

A fim de ilustrar o funcionamento de alguns mecanismos de coesão, tomemos o texto-canção a que fizemos referência na introdução deste trabalho. A música *Las marías* (*The marías*) tem uma duração de cinco minutos e treze segundos e está disponível no *link* <http://grooveshark.com/#!/album/Fronteras/363135> É a décima das doze canções do disco *Fronteras* (*frontera + Tejas*) da cantora e compositora estadunidense, de ascendência mexicana, Leticia (“Tish”) Hinojosa. O álbum foi produzido pela Rounder no Texas em 1995 e apresenta uma visão geral da fronteira do Texas com o México.

Las marías (The marías): Tish Hinojosa

(1) Me llamo María de Luz,
mil años de cuna a cruz;
mil voces que tengo en el alma
son cantos en alas de la juventud. (Bis)

(2) Yo soy de manos ajenas;
mis hijos no saben de mí.
Aquí, escondida en los barrios de americanos,
guardo mi sufrir. (Bis)

(3) Aquí, en esta planta ruidosa,
mis dedos aplican su bien.
No pienso en hogar ni futuro;
solo me conformo con lo que me den. (Bis)

(4) Aquí, en esta cocina,
en esta ciudad donde estoy,
¡qué nombres tan más complicados
les dan a los tacos de donde yo soy! (Bis)

(5) Risa y también tristeza
la vida del norte me da;
los sueños que traigo conmigo
quizás algún día se me cumplirán. (Bis)

(6) Recuerdo ranchito y ganado,
sonrisa y orgullo de ayer,
mi altarcito salado de llanto
por tantas marías que hemos de ser. (Bis)

(7) Yo rezo a mi madre la tierra,
la vida y la libertad.
Yo busco a mi hermana justicia,
la paz, la cultura y felicidad. (Bis)

(8) Me llamo María de Luz,
mil años de cuna a cruz;
mil voces que tengo en el alma
son cantos en alas de la juventud. (Bis). (BOROBIO CARRERA, 2003, p. 38).

Em *Las marías*, apresentam-se as duas modalidades de coesão supracitadas. No tocante aos mecanismos de coesão referencial, destacam-se, em primeiro lugar, os pronomes adjetivos possessivos, que remetem anaforicamente a primeira pessoa do singular (*Yo*), quem fala (*Yo soy de manos ajenas; / mis hijos no saben de mí [...] / guardo mi sufrir. / [...] mis dedos aplican su bien. / [...] mi altarcito salado de llanto [...] / Yo rezo a mi madre la tierra, [...] / Yo busco a mi hermana justicia*). Estes são formas remissivas gramaticais presas por virem “relacionadas a um nome com o qual concordam em gênero e/ou número, antecedendo-o, e ao(s) possível(is) modificador(es) do nome dentro do grupo nominal, e que [...] pertencem ao paradigma dos determinantes” (KOCH, 2009a, p. 35).

Em segundo lugar, apresentam-se os advérbios pronominais *aquí* e *donde* (*Aquí, escondida en los barrios de americanos [...] / Aquí, en esta planta ruidosa [...] / Aquí, en esta cocina, / en esta ciudad donde estoy [...]*). Esses elementos estão dentro do que Koch (2009a, p. 38) denomina de formas remissivas gramaticais livres, usadas para remeter, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. Por último, sobressai a reiteração ou repetição de estrofes (1 e 8), de versos (refrão ou estribilho: terceiro e quarto versos de todas as estrofes) e até de um mesmo item lexical (*Aquí* no terceiro verso da estrofe 2 e no primeiro verso das estrofes 3 e 4).

Como vemos, todos os elementos que estabelecem referência repetem-se, mesmo os que retomam (*anáfora*) ou precedem (*catáfora*) algum componente da canção. Assim, a repetição se constitui em uma estratégia fundamental na estruturação de *Las marías*; ela tem grande poder persuasivo pelo seu caráter enfático e intensificador, acabando por tocar o leitor/ouvinte. Por meio dela, o texto-canção consegue um forte efeito sugestivo e carrega-se de uma força emocional, estimuladora e semântica bem acentuada, tendo um efeito expressivo muito grande, por imprimir na mente do leitor/ouvinte o conteúdo da mensagem que exprime.

A respeito da sequenciação em *Las marías*, predomina a chamada por Koch (2009a, p. 55) de parafrástica, em que a progressão textual se realiza mediante o uso de elementos recorrentes de variados tipos, sendo esta uma característica muito comum do gênero canção (TEIXEIRA; DI FANTI, 2006). Assim, em primeiro lugar, destaca-se o paralelismo sintático no começo do segundo e terceiro versos das estrofes 1 e 8 (*mil años / mil voces*) e do segundo verso das estrofes 2 e 3 (*mis hijos / mis dedos*). Também se apresenta recorrência de estruturas no primeiro verso da estrofe 3 e no primeiro e segundo versos da estrofe 4 (*en esta planta ruidosa / en esta cocina / en esta ciudad...*), no segundo e quarto versos da estrofe 4 (... *donde estoy / ... de donde yo soy*) e, finalmente, no primeiro e terceiro versos da estrofe 7 (*Yo rezo a*

mi madre la tierra / Yo busco a mi hermana justicia). Deste modo, a progressão se faz com a utilização de estruturas sintáticas iguais, preenchidas com itens lexicais diferentes.

Em segundo lugar, o paralelismo sintático é acompanhado de um paralelismo rítmico ou similitude (KOCH, 2009b, p. 81) que percorre a canção. Por fim, a recorrência de tempo verbal também tem função coesiva, predominando o uso do presente do indicativo. Segundo Weinrich (1968, p. 71), a utilização deste tempo verbal está diretamente ligada à atitude comunicativa de comentar, criticar, discutir e apresentar reflexões. Dessa maneira, este tempo do mundo comentado conduz o leitor/ouvinte a assumir uma atitude receptiva tensa, engajada, atenta, como acontece com o texto-canção.

Não se deve confundir *reiteração* ou *repetição* com *recorrência*. A primeira tem por função assinalar que a informação já é *conhecida* (dada) e mantida, enquanto a segunda tem por função assinalar que a informação progride (FÁVERO, 2006, p. 26). Contudo, os recursos linguísticos usados tanto na reiteração quanto na recorrência têm um alto poder persuasivo e contribuem significativamente para a construção do sentido, visto que produzem um efeito de intensificação, de insistência, de ênfase. Com a utilização destes elementos, a mensagem do texto-canção torna-se mais presente na memória do leitor/ouvinte, possibilitando sua solidarização com a situação do imigrante ilegal e seu questionamento diante dessa problemática.

Por outro lado, apresentam-se na canção, ainda que em menor proporção, alguns mecanismos de sequenciação frástica, que são fatores de coesão textual porque garantem a manutenção do tema e o estabelecimento de relações semântico-discursivas entre segmentos do texto (KOCH, 2009a, p. 62; 2009b, p. 84). O primeiro deles é o uso de termos pertencentes a um mesmo campo lexical: *ajenas, escondida, americanos, sufrir, planta, me conformo, cocina, tristeza, norte, recuerdo, llanto, rezo, busco*. Como podemos ver, a ativação de elementos constituintes do mesmo esquema cognitivo, mediante o uso de substantivos, adjetivos e verbos de um mesmo campo semântico, não apenas possibilita descobrir o tópico discursivo, senão também preparar-nos para o que deve vir em sequência na canção.

Outro mecanismo de sequenciação frástica que salientamos no texto é o encadeamento de enunciados por justaposição e por conexão ou junção (KOCH, 2009a, p. 66-68). A justaposição, neste caso, dá-se sem o uso de elementos sequenciadores (conectores ou partículas), no lugar dos quais aparecem pausas, marcadas na canção escrita pelos sinais de pontuação. Cabe então ao ouvinte/leitor construir a coerência textual, estabelecendo mentalmente as relações semântico-discursivas. Quanto ao encadeamento de enunciados por

conexão ou junção, somente se apresenta um caso entre os versos 3 e 4 da estrofe 6 (*mi altarcito salado de llanto / por tantas marías que hemos de ser*), estabelecendo-se uma relação lógico-semântica de causalidade, que se expressa pela conexão das duas orações, encerrando a segunda a *causa* que acarreta a consequência contida na primeira. O conector interfrástico “por”, constituído por uma *preposição*, é o responsável por estabelecer a relação de causalidade no exemplo supracitado. É importante lembrar que do ponto de vista lógico, esta relação está englobada na de condicionalidade (implicação) (KOCH, 2009a, p. 69).

3 *Las marías* do ponto de vista da Teoria da Enunciação

Os questionamentos sobre os limites da frase também impulsionaram as reflexões da *Teoria da Enunciação*. Embora as primeiras preocupações deste campo do conhecimento não conduziam para a noção de *texto*, tinham claro desde o início que a frase tem a ver com a língua, enquanto sistema de signos, mas que para além da frase há algo diferente, que precisa ser examinado com procedimentos de análise diversos (INDURSKY, 2010, p. 52). Assim, seus estudiosos começaram a ocupar-se do *enunciado*, para estudar a *enunciação* através dele. Sem dúvida, com o conceito de enunciação,

Consolida-se o estudo que busca evidenciar as relações da língua não apenas como sistema combinatório, mas como linguagem assumida por um sujeito. As marcas de enunciação no enunciado têm a especificidade de remeter à instância em que tais enunciados são produzidos, fazendo irromper o sujeito da enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 12).

Todavia, o que é mesmo enunciação e quais os conceitos mais relevantes deste enfoque teórico?

Para tentar responder à pergunta acima, valer-nos-emos de alguns dos postulados de Émile Benveniste, considerado o fundador da *Teoria da Enunciação*. O autor (1989, p. 82) define enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” e é, precisamente, “o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto”. Nesta definição, destaca-se, por um lado, a singularidade ou irrepetibilidade da enunciação, característica fundamental desta teoria, e, por outro, a distinção entre enunciação e enunciado, sendo através deste último que se pode estudar a enunciação, a qual deixa suas marcas no enunciado.

Um dos eixos temáticos do modelo benvenistiano é o da (inter)subjetividade na linguagem. Para entender este conceito, é necessário examiná-lo a par da discussão sobre a estrutura do sistema pronominal pessoal. Segundo Benveniste (2005, p. 250), uma teoria

linguística da pessoa verbal apenas pode estabelecer-se sobre a base da estrutura opositiva entre elas. Daí se compreende a diferença por ele estabelecida entre as duas primeiras pessoas (eu e tu) da terceira (ele) a partir de duas correlações: a de *pessoalidade* e a de *subjetividade*. A primeira correlação separa o “eu-tu” (em que há uma concomitância entre a pessoa implicada e o discurso sobre ela) do “ele” (privado do traço de pessoa e evidenciado como a forma verbal para exprimir a “não-pessoa”). As pessoas “eu” e “tu” se caracterizam pela sua unicidade específica, inversibilidade e ausência de predicação verbal. A segunda correlação opõe “eu” a “tu”: “Eu” é interior ao enunciado, exterior a “tu” e transcendente a este; logo é a única pessoa realmente subjetiva. Ou seja: «Poder-se-á, então, definir o *tu* como a pessoa não subjetiva, em face da pessoa subjetiva que *eu* representa; e essas duas “pessoas” se oporão juntas à forma de “não-pessoa” (= “ele”))» (BENVENISTE, 2005, p. 255, grifos do autor).

A oposição anterior é ratificada, e ainda mais explicada pelo autor, em outro dos seus trabalhos (BENVENISTE, 2005, p. 277-283). A diferença entre a pessoa e a não-pessoa reside no tipo de referência que estabelecem. O par “eu-tu” pertence ao nível pragmático da linguagem, pois, definido na própria instância de discurso, refere a realidades distintas cada vez que é enunciado, enquanto o “ele” pertence ao nível sintático, já que tem por função combinar-se com a referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém. Depreende-se daí que a unicidade decorrente do uso das formas “eu-tu” é conferida pela instância de discurso, e a não-unicidade de “ele” está ligada à sua independência com relação à enunciação. A dêixis, por sua vez, passa a ser entendida, na perspectiva enunciativa, como aqueles signos (advérbios, locuções adverbiais e demonstrativos em geral) que, pertencentes ao paradigma do “eu”, também fazem remissão à instância de discurso e só nela podem ser devidamente apreendidos.

Quando Benveniste fala “Da subjetividade na linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 284-293), volta sobre a categoria de *pessoa* no sistema pronominal pessoal das línguas, porquanto, na perspectiva enunciativa, o sujeito é resultado de um jogo de interação dado pelo emprego das formas linguísticas (por exemplo, o pronome “yo” no texto-canção), que possibilitam a passagem de locutor a sujeito no exercício da língua. Desse modo, tanto a subjetividade quanto a intersubjetividade se constituem na reciprocidade do diálogo entre um “eu” e um “tu”, visto que “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifos do autor). Ou seja, “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele

mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifos do autor) e ao outro como um “tu”.

A manifestação da (inter)subjetividade na linguagem não se limita à categoria de pessoa, mas também abrange as categorias de tempo e espaço, cuja referência é igualmente atribuída na e pela enunciação. O ato enunciativo é responsável pela instauração das noções de espaço (*aqui*) e de tempo (*agora*) da enunciação, marcadas também no enunciado por outras classes de pronomes (demonstrativos, advérbios, adjetivos), indicadores da dêixis, e sempre atrelados ao “eu” na instância do discurso. A respeito da dêixis, Benveniste afirma que

As formas denominadas tradicionalmente “pronomes pessoais”, “demonstrativos”, aparecem agora como uma classe de “indivíduos lingüísticos” de formas que enviam sempre somente a “indivíduos”, quer se trate de pessoas, de momentos, de lugares, por oposição aos termos nominais, que enviam sempre e somente a conceitos. Ora, o estatuto destes ‘indivíduos lingüísticos’ se deve ao fato de que eles nascem de uma enunciação, de que são produzidos por este acontecimento individual [...]. Eles são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é proferida, e cada vez eles designam algo novo. (BENVENISTE, 1989, p. 85).

Cabe ainda considerar a questão da temporalidade que, assim como a dos pronomes, é contígua à noção da referência e amplia o domínio da subjetividade. A noção de temporalidade sempre é orientada pelo “presente”, que coincide com a instância de discurso. Ou seja, «não há outro critério nem outra expressão para indicar “o tempo em que se *está*” senão tomá-lo como “o tempo em que se *fala*”». (Benveniste, 2005, p. 289, grifos do autor). Disto se deduz que a referência é vinculada ao tempo presente, que é identificado pela situação do discurso.

Por tudo o que foi apresentado acima, podemos concluir com Flores e Teixeira que

A enunciação é sempre única e irrepetível, porque a cada vez que a língua é enunciada têm-se condições de tempo (*agora*), espaço (*aqui*) e pessoa (*eu/tu*) singulares. Assim, cada análise da linguagem é única também. É da ordem do repetível apenas a organização do sistema da língua. (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 100).

Isto é, a linguística da enunciação estuda as marcas formais no enunciado para chegar às condições de espaço, tempo e pessoa em que tal enunciado é produzido. Em outras palavras, o ato de conversão da língua em discurso pressupõe um “eu” que se dirige a um “tu” para falar de “ele” (o ausente, a não-pessoa) em um aqui-agora.

Levando em conta o exposto nesta segunda parte, nosso enfoque de aplicação deste modelo teórico, na análise do texto-canção *Las marías*, estará atento às representações do sujeito enunciador. O sujeito de que falamos é tomado como ser de discurso, cuja representação pode ser feita através de marcas linguísticas deixadas no enunciado. Não está em questão a figura da compositora-cantora, Tish Hinojosa, enquanto ser do mundo. Trata-se do sujeito que enuncia, assumindo-se como *eu*, a quem nos referimos como sujeito enunciador. O *eu* da música *Las marías* é o imigrante ilegal, representado na voz de uma imigrante mexicana (*¡qué nombres tan más complicados / les dan a los tacos de donde yo soy!*), que traduz o retrato amargo da condição do imigrante na cultura estrangeira (*Aquí, escondida en los barrios de americanos / guardo mi sufrir*).

De entrada, as marcas de enunciação no verso *Me llamo María de Luz* (o verbo *llamar*, usado como pronominal na primeira pessoa do presente do indicativo, para se apresentar formalmente com o seu nome ‘próprio’ *María de Luz*) fazem irromper o sujeito da enunciação, estabelecendo a (inter)subjetividade. Assim, quando o sujeito enunciador diz “eu” (*yo*) para se apresentar, autodefinir-se e falar sobre a difícil situação pela que passa, o faz por contraste com um “tu” (*tú*) a quem se dirige. Este “tu” também não pode ser reduzido ao leitor-ouvinte do texto-canção, embora seja esse o ponto de ancoragem mais evidente para a determinação de seu escopo. O “tu” são também os imigrantes ilegais traduzidos pelas outras *marías*. Na música há um “nós” (*nosotros*) inclusivo (*mi altarcito salado de llanto / por tantas marías que hemos de ser*), que inclui junto com o “eu” um elemento “não-eu” que se refere a um ente participante na instância de enunciação, ou seja, aponta ao “tu” enunciatário, estando representada em “tu” a figura dos outros imigrantes ilegais. Apesar do “eu” se apresentar com o nome ‘próprio’ de *María de Luz*, ela é de mãos alheias (*Yo soy de manos ajenas*) e não se diferencia das outras imigrantes ilegais do mundo, às quais se dirige com o nome mais comum nos países de língua espanhola, *marías*, porquanto todas constituem uma pluralidade de seres não reconhecidos, não individualizados e rejeitados em massa, representando uma problemática de longa data (*mil años de cuna a cruz*) nas sociedades desenvolvidas.

As marcas de (inter)subjetividade não estão apenas no primeiro enunciado, senão ao longo do texto-canção em que, como já vimos, o locutor se constitui em sujeito, remetendo a si próprio como “yo” no seu discurso, ao mesmo tempo que instaura ao outro como um “tu”. Essa passagem de locutor a sujeito se dá através do uso de formas linguísticas variadas como pronomes pessoais retos e oblíquos (*Yo soy de manos ajenas; mis hijos no saben de mí; solo*

me conformo con lo que me den; los sueños que traigo conmigo / quizás algún día se me cumplirán etc.); pronomes possessivos (*mis dedos aplican su bien; mi altarcito salado de llanto...* etc.); participios como formas nominais do verbo (*Aqui, escondida en los barrios de americanos, / guardo mi sufrir*) e verbos em primeira pessoa (*Recuerdo ranchito y ganado; Yo rezo a mi madre la tierra; Yo busco a mi hermana justicia...* etc.). Dessa maneira, explícita ou implicitamente, a relação de (inter)subjetividade em *Las marías* está presente em toda parte, ao locutor falar de si mesmo a um alocutário, com quem se identifica, e constituir-se em sujeito da enunciação.

O plano de enunciação que caracteriza o texto-canção *Las marías* é o do discurso². Isso se pode constatar na predominância do uso do tempo presente de indicativo do verbo (*mil voces que tengo en el alma / son cantos en alas de la juventud*) e do mecanismo enunciativo da asserção (*No pienso en hogar ni futuro; Risa y también tristeza / la vida del norte me da* etc.), os quais constituem a manifestação mais comum da presença do locutor na enunciação.

Também cabe destacar alguns elementos de modalização no campo da possibilidade, que emergem dos enunciados para marcar a posição do sujeito. Em primeiro lugar, chama nossa atenção o verbo *den* do enunciado *No pienso en hogar ni futuro; / solo me conformo con lo que me den* da estrofe 3. Mediante esta forma do presente de subjuntivo que tem um valor de futuro, o sujeito enunciador, de modo ambivalente, parece referir-se, por um lado, a uma não-pessoa plural “eles” (os *americanos*, dos que fala explicitamente na estrofe 2 e implicitamente na 4: *dan?*) e, por outro, parece interagir com “vocês”, instaurando uma pessoa não subjetiva (os mesmos *americanos?*; o “outro”, a coletividade, para quem o imigrante ‘mendiga’?).

Em segundo lugar, encontramos uma construção perifrástica na estrofe 6, como marca enunciativa do eixo da possibilidade: *mi altarcito salado de llanto / por tantas marías que hemos de ser*. Não há dúvida quanto a que a perífrase verbal sublinhada exprime probabilidade, suposição, hipótese e, ainda, futuridade. Porém, o mais interessante dessa forma verbal perifrástica é a pluralização ou amplificação da pessoa verbal, fazendo com que a força da voz de “eu” se intensifique e universalize-se em um só grito desesperado e agônico, qual seja o do imigrante.

² É preciso lembrar que Benveniste (2005, p. 267) entende discurso como “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro”. Assim, “todos os gêneros nos quais alguém se dirige a alguém, se enuncia como locutor e organiza aquilo que diz na categoria de pessoa” estariam no plano do discurso.

E temos, ainda, na estrofe 5, um último enunciado que apresenta formas linguísticas de modalização no campo da possibilidade: *los sueños que traigo conmigo / quizás algún día se me cumplirán*. Destaca que na oração principal deste período composto, todos os recursos linguísticos utilizados (advérbio, expressão temporal indefinida, futuro de indicativo) apontam para a mesma direção, enfatizando a possibilidade e refletindo o estado de ambivalência permanente em que se mantém o imigrante.

Podemos ver que todas as marcas de modalização no campo da possibilidade remetem a um sujeito enunciador cuja caracterização se mostra móvel, fragmentada e lacunar.

No ato enunciativo, também são instauradas as categorias de espaço (*aquí*) e de tempo (*agora*), como manifestação da (inter)subjetividade. Deste modo, no texto-canção, a situação espacial emerge através de pronomes demonstrativos e advérbios que se associam a situações disfóricas. Observamos que os espaços referidos são aqueles confrontados pelo imigrante deslocado do conforto de sua terra natal e que traduzem o (não) lugar onde ele (não) está: *Aquí, escondida en los barrios de americanos, / guardo mi sufrir; Aquí, en esta planta ruidosa...; Aquí, en esta cocina, / en esta ciudad donde estoy*.

Em relação à noção de temporalidade, já anotamos antes que ela sempre é orientada pelo “presente”, coincidindo com a instância da enunciação. Assim, a referência à categoria de tempo em *Las marías* é marcada, fundamentalmente, pelo uso do tempo presente do indicativo ao longo do texto, que localiza o sujeito da enunciação no “agora”: *Me llamo María de Luz, / mil años de cuna a cruz; / mil voces que tengo en el alma / son cantos en alas de la juventud*. Um eterno “agora”, temporal e atemporal, definido e indefinido, de nunca e de sempre... No entanto, o sujeito enunciador, desde este “agora”, apresenta sua visão do que não é mais presente (*Recuerdo ranchito y ganado, / sonrisa y orgullo de ayer*) e do que, possivelmente, vai sê-lo (*los sueños que traigo conmigo / quizás algún día se me cumplirán*). Nesta visão sobre o tempo, projetada para trás e para frente, o sujeito da enunciação, uma vez mais, reflete sua constante ambivalência.

4 *Las marías* pelo viés da Análise do Discurso

Na esteira de vertentes teóricas que na atualidade se fazem chamar de análise do discurso, é preciso esclarecer que estamos nos referindo à Análise do Discurso da Escola Francesa (AD), fundada por Michel Pêcheux e seu grupo, em 1969, e como vem sendo praticada no Brasil por Eni Puccinelli Orlandi, Freda Indursky, Solange Mittmann e outros pesquisadores da área.

Na segunda metade do século XX, as inquietações de alguns linguistas relativas ao *sentido*, à *significação*, ao *contexto* e ao *sujeito* foram respondidas, ainda que de maneira distinta, por várias correntes teóricas, como a Teoria da Enunciação, da qual falamos na seção anterior. Mas também as respostas dadas pela Análise do Discurso conduziram os estudos da linguagem para novas reflexões que ultrapassam aqueles questionamentos iniciais, permitindo o surgimento de noções que vêm enriquecer este campo. A seguir, destacaremos algumas dessas noções, que estão relacionadas com a categoria *texto*, e que posteriormente facilitarão a nossa análise do texto-canção *Las marías*.

O *texto*, do ponto de vista de sua apresentação empírica (superfície linguística), é um objeto acabado (um produto finito) com começo, meio e fim, fechado em si mesmo. Mas quando se toma como materialidade discursiva, restabelece-se de imediato sua incompletude e seu sentido permanece indeterminado. Em outras palavras, o *texto*, considerado na perspectiva do discurso, é uma unidade aberta, não acabada, já que ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (ORLANDI, 1995, p. 110; 1996b, p. 54).

As *condições de produção* permitem ultrapassar os limites do texto empírico e convocar o seu contexto sócio-histórico. Nesse contexto, inscrevem-se os interlocutores que são sujeitos historicamente determinados, isto é, interpelados pela ideologia. Portanto, as *condições de produção* relacionam o texto a sujeitos históricos, que se identificam com uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares socialmente determinados, construídos ideologicamente. Em outras palavras, o *sujeito* da Análise do Discurso é um sujeito social, afetado pelo inconsciente e identificado com uma ideologia, e estes dois processos regem seu dizer; é um sujeito descentrado que age sob a ilusão de estar na origem de seu dizer, mas que precisa imergir no interdiscurso para poder dizer, visto que aí reside o repetível, a memória discursiva que lhe permite dizer (INDURSKY, 2010, p. 69).

E, se é possível afirmar que o texto é aberto à exterioridade, ao interdiscurso, à memória discursiva, à memória social, é porque estabelece uma série de relações *contextuais*, *textuais*, *intertextuais* e *interdiscursivas* (INDURSKY, 2009, p. 118; 2010, p. 69; 2011, p. 21). As *relações contextuais* remetem o texto ao contexto histórico-social, econômico, cultural e político em que ele foi produzido. O sentido do *texto* resulta da interlocução discursiva que se estabelece no intervalo entre os sujeitos social e historicamente determinados, relacionados pelo viés do texto. Assim, o sentido não pertence nem ao texto

nem ao sujeito que o produziu, mas é resultado da relação entre os sujeitos históricos envolvidos em sua produção/interpretação. É “efeito de sentidos” entre lugares “determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1969, p. 82).

As *relações textuais* são o resultado do processo de textualização, isto é, do trabalho de “costura” que o sujeito na função-autor faz entre os diferentes recortes discursivos trazidos do interdiscurso. Esta costura está na base da produção do *efeito-texto*, um espaço discursivo organizado, simbolicamente fechado e ilusoriamente completo (INDURSKY, 2001, p. 37).

As *relações intertextuais* colocam um texto em relação com outros textos, apontando não apenas para o efeito de origem do dito texto, mas também para outros textos que ainda estão por surgir e que se inscrevem na mesma matriz de sentido. Consideram-se aqui as escrituras, mas também as reescrituras e as paródias já produzidas e também aquelas que ainda estão por ser produzidas e que, se o forem, estarão vinculadas a uma mesma *família textual*. Isto é o que se conhece com o nome de *paráfrase discursiva*, que relaciona entre si textos existentes, possíveis e imaginários (INDURSKY, 2009, p. 118; 2010, p. 70).

Por fim, as *relações interdiscursivas* aproximam o texto de outros discursos, remetendo-o a inumeráveis redes de formulações discursivas anônimas. Daí que é impossível discernir o que foi produzido no texto e o que é proveniente de outros discursos, do interdiscurso, dado que o discurso está disperso em uma profusão descontínua e igualmente dispersa de textos, relacionando-se com formações discursivas diversas e mobilizando posições-sujeito igualmente diferentes (INDURSKY, 2010, p. 70; 2009, p. 119). Em outros termos,

«é no *non-sens* das representações, que “não se mostram para ninguém”, que se configura o lugar do sujeito que toma posição em relação a elas, aceitando-as ou rejeitando-as, colocando-as em dúvida etc. Em suma, “o sujeito” se produz *nessa* “não-sujeito” constituído por um amontoado de representações “desprovidas de sentido”, e essa produção é acompanhada precisamente por uma *imposição de sentidos às representações*» (PÊCHEUX, 2009, p. 238, grifos do autor).

É na passagem do *non-sens* para o sentido, que o sujeito-autor se inscreve na prática discursiva da autoria, que o conduz à ilusória imposição de um sentido. Este se institui, porque o sujeito-autor se faz sujeito ao identificar as representações trazidas do interdiscurso aos sentidos possíveis, no âmbito da formação discursiva com a qual se identifica. Este movimento de apropriação, que culmina na atribuição de sentidos, determina a escrita,

entendida como a textualização destas diferentes redes discursivas (INDURSKY, 2010, p. 71).

Este fazer leva o sujeito-autor a estabelecer uma trama entre os variados recortes discursivos que procedem de distintos textos e que são afetados por diversas formações discursivas e diferentes posições-sujeito. Após isso, cabe ao sujeito-autor organizar essa alteridade e seus diferentes sentidos a partir de seu lugar ideológico, dando-lhes uma configuração textual e, desta maneira, tornando interno o que é externo. Portanto, pode-se pensar o texto como uma heterogeneidade organizada pelo trabalho discursivo de escritura do sujeito-autor, a partir de sua posição-sujeito, de onde decorre a tessitura do texto e seu efeito de unidade ou *efeito-texto* (INDURSKY, 2009, p. 124; 2010, p. 71).

Esse efeito-texto, além de apresentar-se como se fosse um texto que está na origem de seu autor, apagados os vestígios de sua interdiscursividade e diferenciando-se de todos os outros textos, ele se apresenta como “uma *peça* de linguagem” (ORLANDI, 1995, p. 109; 1996b, p. 52) dotada de completude e fechamento. Em outras palavras, o efeito-texto resulta da ilusão de que tudo o que devia ser dito foi dito, nada faltando e nada sobrando. Em resumo, o *texto*, para a Análise do Discurso, é um *efeito-texto*, espaço discursivo, dotado ilusoriamente de homogeneidade e completude, sendo seu fechamento da ordem do simbólico (INDURSKY, 2010, p. 73).

Neste quadro teórico, ao analisar-se um texto, busca-se uma semântica discursiva, cujo exame pode iniciar pela materialidade textual, mas precisa ultrapassar os limites do texto para alcançar o próprio discurso e seus processos de significação, e o próprio do discursivo, que são as relações que o texto mantém com o interdiscurso.

Passemos, pois, a analisar o texto-canção *Las marías* pelo viés desta perspectiva. Começemos por algumas informações que participam de aspectos para a formação e compreensão das condições de produção textual. Ainda que não tenham destacada relevância para a Análise do Discurso, algumas notas acerca da biografia da autora contribuem para o acesso às condições de produção deste texto-canção. Se há a preocupação com a temática da migração, é porque, pelo menos neste exemplo, algo da experiência pessoal da artista acompanha e confere consistência a seu discurso. Como apontamos na análise feita segundo a Linguística Textual, aquele é marcado por uma evidente carga afetiva que se expressa através do uso de diferentes recursos linguísticos recorrentes. Entretanto, essa recorrência não somente se apresenta no linguístico, mas também no musical. Assim, encontramos em *Las marías* dois ritmos musicais. O ritmo de fundo, percebido especialmente no começo e

marcado pelo charango e pela quena, é de música andina. Este acompanha a canção toda de forma tênue, mas com alguns saltos do charango. O ritmo que dá a melodia à canção e acompanha a voz é a valsa, um dos ritmos da música ranchera. É composto por um toque nos baixos do violão, instrumento que marca este ritmo, seguido por dois acordes agudos que proporcionam a cadência. Isto reflete o compasso ternário ou de três por quatro (geralmente representado 3/4) da valsa: uma batida forte seguida de duas fracas. A melodia também é acompanhada por um bandoneón com cadência de tango, cuja sonoridade e timbre característicos carregam ainda mais de nostálgica melancolia a música. Ratificamos que, apesar de possuir uma cadência arrastada e suave, a canção está envolta por uma atmosfera densa com uma grande carga emocional que reflete claramente seu tema lírico: as condições precárias em que vivem os imigrantes ilegais nas grandes cidades do mundo.

E Tish Hinojosa não é alheia a essa problemática; muito pelo contrário, está próxima dela geográfica e emocionalmente, já que a vida desta compositora-cantora é pautada pelo deslocamento. Filha de imigrantes mexicanos, ela nasceu no Texas, em Santo Antônio, em 1955. Está em seu site (<http://www.mundotish.com/>) a exploração da riqueza rítmica multicultural americana. Trata-se de uma música que “atravessa fronteiras”, segundo a apresentação da página eletrônica da artista. Por conseguinte, se o texto-canção por nós escolhido tem um vínculo ideológico assaz acentuado, deve-se, em alguma medida, ao comprometimento da trajetória biográfica desta compositora. Neste sentido, as relações do texto com a exterioridade conduzem a conflitos de ordem de inserção e exclusão territoriais, os quais envolvem, de forma mais ampla, a categoria do estrangeiro.

De modo geral, sabemos que, historicamente, os estrangeiros na verdade são estrangeiras. A história das Danaides está na formação da história dos estrangeiros, recuperada por Ésquilo, a lenda de Io diz que ela foi deslocada de seu território egípcio e transformada em vaca para sobreviver. As sucessoras de Io compõem as Danaides – espécie de geração amaldiçoada pelo deslocamento forçado –. Por esse motivo, raramente é concedido a elas, ou ao que se estende aos estrangeiros em geral, sobretudo aos ilegais, o direito de aquisição de uma propriedade: “as Danaides são locatárias” (KRISTEVA, 1994, p. 56). Percebe-se que, desde os relatos dos tempos homéricos, as viagens, especialmente aquelas impostas por condições de sobrevivência, produzem sentimentos de medo tanto para os anfitriões quanto para os viajantes (KRISTEVA, 1994, p. 55).

Observamos já no título da canção de Tish Hinojosa um importante índice de intertextualidade, de caráter religioso cristão, posterior, portanto, à narrativa de Io e de suas

sucessoras, as Danaides, mas que participa desse legado feminino do deslocamento. A posição-sujeito do discurso no texto-canção de Hinojosa instaura a abertura para se pensar na questão da intertextualidade, na medida em que promove estreita aproximação entre o interlocutor e uma das imagens mais conhecidas e referidas da cristandade. “As marías” (*Las marías*), cujo símbolo remete à Virgem Maria, geratriz da cultura ocidental, nomeiam o sujeito lírico deste texto-canção. De acordo com a história bíblica, Maria teve de deixar a sua terra Nazaré, na Galileia, para ir dar à luz o filho de Deus em Belém, na Judeia (BIBLIA, 1995). Estamos diante de uma estrangeira. E o que significa ser um(a) estrangeiro(a)? Kristeva, cuja formação se sustenta na linguística, busca, nesse caso, apoio em narrativas clássicas a fim de elucidar a formação de sentido dessa categoria do estrangeiro com a qual nos defrontamos na análise em questão.

Entre os três autores trágicos, Sófocles, Ésquilo e Eurípedes, que utilizam sistematicamente o termo *bárbaros*, Eurípedes se distingue de seus predecessores por um emprego frequente dessa palavra num sentido mais pejorativo, indicando que a estranheza, para ele, é mais intolerável e, de um modo geral, torna-se mais perturbadora com o tempo. Para os três autores, “bárbaro” significa: “incompreensível”, “não-grego” e, finalmente, “excêntrico” ou “inferior”. O sentido de “cruel” que lhe atribuímos deverá esperar as invasões bárbaras de Roma para se manifestar. (KRISTEVA, 1994, p. 57, grifos da autora).

Vemos como desde a Antiguidade clássica o termo “estrangeiro” tem conotações pejorativas que perduram até hoje. Essa perenidade do sentimento de hostilidade em relação ao “adventício”, assim como a acentuação de um sentimento de apreensão do “outro” no interior das sociedades desenvolvidas pretensamente homogêneas justificam a lamentação da posição-sujeito que abre e fecha o texto-canção apresentando-se como *María de Luz* (*Me llamo María de Luz*) para as outras *marías* (*mi altarcito salado de llanto / por tantas marías que hemos de ser*). Essa posição-sujeito desde a que “chora” *María de Luz* não é outra que a posição do sujeito imigrante. É necessário, pois, demarcar uma subcategoria a partir da categoria do estrangeiro, qual seja, a do imigrante ilegal. Entre as pistas desse sujeito imigrante, observamos os seguintes versos que compõem a segunda estrofe: *Yo soy de manos ajenas; / mis hijos no saben de mí; / Aquí, escondida en los barrios de americanos, / guardo mi sufrir*.

A posição-sujeito do imigrante desliza para diferentes efeitos de sentido. Por exemplo, na posição do sujeito subjaz uma contradição acerca da situação desafortunada e, mormente, desesperançada do imigrante, tal como sugerem os versos a seguir: *No pienso en hogar ni*

futuro; / solo me conformo con lo que me den. Nesta sequência discursiva, descreve-se um intenso sentimento de desesperança, que se constrói em função da total falta de lugar diante da situação de deslocamento, sendo em seguida cortado pela “aceitação” de um viver de migalhas. A contradição se afirma na abertura do sujeito para a inclusão de sonhos – *los sueños que traigo conmigo* –, sonhos que abrandam com o pessimismo evidenciado nos versos supracitados.

Estamos conseqüentemente diante da posição-sujeito do imigrante ilegal; a contradição é constitutiva dele, ficando em permanente confronto entre o que foi deixado, com o qual já não pode mais contar, e o que tem pela frente, a respeito do qual reina a incerteza. Apesar desse contexto de adversidades, em que as contradições se fabricam no mesmo sujeito, podemos observar que a contradição se fundamenta na não-renúncia ao sonho – *quizás algún día se me cumplirán* – e, principalmente, na expectativa moral alicerçada na justiça: *Yo busco a mi hermana justicia, / la paz, la cultura y felicidad.*

Como dizem Schons e Mittmann,

O atravessamento recíproco entre o ideológico e a língua já não permite pensar a contraposição entre *o que é* (o estabilizado) e *o que não é* (o não estabilizado) e, sim, pensar a plurivocidade, constituída pela própria contradição. É pelo duplo jogo da materialidade, como atravessamento, que se pode entender que *o que não é* constitui *o que é* (SCHONS & MITTMANN, 2009, p. 303, *apud* MITTMANN, 2010, p. 92, grifos das autoras).

E disto se deduz que “contradição e equívoco não são problemas a serem resolvidos num universo logicamente estabilizado, de bipolarização lógica, mas sim o que torna possível a deriva de sentidos e, por ela, a própria interpretação” (SCHONS; MITTMANN, 2009, p. 303).

Além dos deslizamentos de sentido que se produzem na observação de contradições mais ou menos evidentes neste texto-canção, ainda devemos permitir a possibilidade de outros sentidos no texto. Assim, sob outra perspectiva, a seguir sugerimos uma posição-sujeito na qual se mantém a contradição; mas se trata de outro tipo de contradição, a que permite, inclusive, um diálogo com a Teoria da Enunciação de Benveniste.

Podemos apontar, de acordo com a nossa leitura, a questão da invisibilidade ligada à religiosidade, que no texto *Las marías* se expressa através de uma tensão temporal, de modo a produzir um curto-circuito na própria imediatez requerida por Benveniste. Em *Las marías*, estamos diante de um tempo paradoxal, espécie de fora do tempo que pretende escapar desse

fundamental conceito alicerçado na cultura ocidental, sobretudo por meio das categorias de Aristóteles. Só chegamos a essa constatação pela Análise do Discurso. Nota-se que em diferentes áreas do conhecimento a categoria do tempo é um marco referencial para as possíveis análises. No que se refere à inspeção dos efeitos de sentido, que assim como em outras áreas do conhecimento encontra respaldo na filosofia aristotélica, a posição não é diferente. Todavia, essa busca da posição-sujeito pela presentificação nesse texto-canção trabalha no limite dessa intenção pelo tempo presente, de modo a produzir sensações desesperadas e agônicas, as quais são de fundo religioso (discurso religioso cristão), que se atém à atemporalidade. Para fundamentar a tentativa de “fora do tempo” deste sujeito, sugerimos o retorno ao Livro XI, de Santo Agostinho, em *Confissões*. Segundo Agostinho (1997, p. 278), cabe exclusivamente a Deus o estatuto de um “fora do tempo”: “Criastes todos os tempos e existis antes de todos os tempos. Não é concebível um tempo em que se possa dizer que não havia tempo”. Subvertendo essa hierarquia entre homens e deuses, a posição-sujeito, desde este “agora” desmedido, apresenta sua visão do que não é mais presente (*Recuerdo ranchito y ganado, / sonrisa y orgullo de ayer*) e do que pode vir a ser (*los sueños que traigo conmigo / quizás algún día se me cumplirán*). Nesta visão sobre o tempo, projetada para trás e para frente, o sujeito reflete a respeito de sua situação agônica, na qual um “aqui-agora”, sempre impossível, mostra-se tão inacessível quanto está expresso no advérbio de dúvida (*quizás*) que acompanha o questionamento também intrínseco ao sentido dos *sonhos* neste texto-canção.

5 Conclusão

Este breve percurso pelas teorias do texto e do discurso, no âmbito dos estudos da linguagem, levou-nos a refletir sobre algumas noções básicas de três perspectivas teóricas, que oferecem elementos que sustentam o trabalho com o texto. Deste modo, não somente conseguimos ver as diferenças, os avanços entre elas e os limites de cada uma ao abordar o mesmo objeto, mas também mostrar os subsídios inestimáveis que podem fornecer ao professor para as práticas de leitura em língua seja esta materna ou estrangeira.

Na *Linguística Textual*, o *texto* é uma *unidade pragmático-comunicativa* em que o sentido já está dado, porquanto a língua é considerada como um código, transparente e sem opacidades. Assim, analisar um texto pelo viés deste enfoque consiste em decodificá-lo atendendo aos mecanismos linguísticos de coesão e coerência. O *texto* no *quadro teórico benvenistiano* corresponderia ao *enunciado*, produto do ato de enunciação; e é precisamente

através do enunciado que podemos chegar ao próprio processo de enunciação e explicitar os mecanismos pelos quais se produz o sentido. Ou seja, estudar um texto do ponto de vista desta concepção teórica é observar e seguir nele as marcas linguísticas de pessoa/espaço/tempo deixadas pela enunciação. Por último, o *texto* como *materialidade discursiva* se caracteriza pela incompletude e seu sentido permanece indeterminado; é uma unidade aberta que estabelece relaciones contextuais, textuais, intertextuais e interdiscursivas. Ao trabalhar com um texto sob a ótica da Análise do Discurso, busca-se uma *semântica discursiva*, cujo exame pode começar pela materialidade textual, mas precisa ir além do texto para alcançar o próprio discurso e seus processos de significação, que são as relações que o texto mantém com o interdiscurso.

Uma noção fundamental para contrastar estas três perspectivas teóricas foi a de *contexto*. Na *Linguística Textual*, o contexto é eminentemente *linguístico (cotexto)*, embora ela também reconheça o contexto situacional, mas não trabalha com ele; na *Teoria da Enunciação*, o contexto linguístico está associado ao *contexto situacional (aqui/agora)* e, finalmente, a *Análise do Discurso*, por sua vez, considera o *contexto sócio-histórico* como constitutivo do texto. São três tipos diferentes de contexto que vão se ampliando a cada quadro teórico e, conseqüentemente, alterando seus pressupostos sobre o objeto de observação: o *texto*.

Referências

BEAUGRANDE, R.A. de; DRESSLER, W. U. **Introduction to Text Linguistics**. London/New York: Longman, 1981.

BENTES, A.C. *Linguística Textual*. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003, p.245-285.

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de lingüística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005.

BIBLIA, El Evangelio según San Lucas. Español. **Dios habla hoy**: La Biblia con Deuterocanónicos. México: Sociedades Bíblicas Unidas, 1995. cap.2, vers.1-7.

BOROBIO CARRERA, V. **Nuevo ELE avanzado**: libro del alumno. Madrid: Ediciones SM, 2003.

FÁVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2006.

FLORES, V. do N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.36, n.4, p.7-67, 2001.

_____.; TEIXEIRA, M. **Introdução à linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

HINOJOSA, T. Las marías (The marias). In: _____. **Frontejas**. Texas: Rounder Records, 1995. 1 CD-ROM. Faixa 10(5min-13s). Disponível em: <http://grooveshark.com/#!/album/Frontejas/363135>. Acesso em: 12 ago. 2013.

INDURSKY, F. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, A.; FUNCK, S.B. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001, p.27-42.

_____. A escrita à luz da Análise do Discurso. In: CORTINA, A.; NASSER, S.M.G. da C. (Orgs.). **Sujeito e linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p.117-131.

_____. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, E.P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S.M. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem: Discurso e Textualidade**. Campinas: Pontes, 2010, p.33-80.

_____. A exterioridade constitutiva do texto à luz da análise do discurso. In: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Língua e linguagem: Perspectivas de investigação**. Pelotas: Educat, 2001, p.19-43.

KOCH, I.G.V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2009a.

_____. **Introdução à lingüística textual: Trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

_____.; TRAVAGLIA, L.C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MITTMANN, S. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Desenredo**, v.6, n.1, p.85-101, 2010. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1380/857>. Acesso em: 12 ago. 2013.

ORLANDI, E.P. Texto e discurso. **Organon**, Porto Alegre, v.9, n.23, p.109-116, 1995.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996a.

_____. **Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996b.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1990, p.61-105.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Unicamp, 2009.

SALAS HERNÁNDEZ, A. **Heredar la tierra**. Bogotá: Común Presencia, 2013.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e Alfredo Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHONS, C.R.; MITTMANN, S. A contradição e a (re)produção/transformação na e pela ideologia. In: INDURSKY, F. et al. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009, p.295-304.

TEIXEIRA, M.; DI FANTI, M. da G.C. O texto como objeto de ensino: um olhar enunciativo. In: GOMES, L. da S.; GOMES, N.M.T. (Orgs.). **Aprendizagem de língua e literatura**: gêneros & vivências de linguagem. Porto Alegre: UniRitter, 2006, p.95-146.

WEINRICH, H. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Tradução de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968.

Data de recebimento: 30 de maio 2014.

Data de aceite: 04 de agosto de 2014.